

# SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XII, Nº 03 – 2008, MARÇO  
Assinatura até Dezembro de 2008: 9 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,60) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis. Delicie-se também com obras mestras de Contos e Poesias!  
www.haicu.sf.nom.br

– Perdón! – así dieron para los que en la tierra abandonada sus restos esparcieron! – ¡Llanto para vosotros, los de Iberia hijos en la opresión y la venganza! – Perdón! Perdón! esclavos de miseria! – Mártires que murieron, bienandanza! – La Virgen sin honor del Occidente, el removido suelo golpea desolada con la frente, que os encumbra  
José Julián Martí 1853-1895, Poemas escritos en España  
José Martí Poesía Completa, Tomo II, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

<p>Eu era criança, mas já percebia, o pouco pão que havia em nossa mesa e a aparência acanhada da pobreza que tinha a nossa casa tão vazia.</p> <p>De noite, antes do sono, uma certeza: a minha mãe rezava a Ave-Maria! E ao terminar a prece eu sempre via no seu olhar uma esperança acesa.</p> <p>Após a reza desligava a luz, beijava o crucifixo, e a fé era tanta que adormecia perto de Jesus.</p> <p>Depois que ela dormia (isso que encanta) Nosso Senhor descia ali da cruz para beijar a sua face santa.</p> <p>José Antonio Jacob, O Beijo de Jesus</p>	<p>Meu coração tem catedrais imensas, templos de priscas e longínquas datas, onde um nome de amor, em serenatas, canta a aleluia virginal das crenças.</p> <p>Na ogiva fúlgida e nas colunatas vertem lustrais irradiações intensas cintilações de lâmpadas suspensas e as ametistas e os florões e as pratas.</p> <p>Com os velhos Templários medievais entrei um dia nessas catedrais e nesses templos claros e risonhos...</p> <p>E erguendo os gládios e brandindo hastas, no desespero dos iconoclastas quebrei a imagem dos meus próprios sonhos!</p> <p>Augusto dos Anjos, Vandalismo</p>	<p>Olha estas velhas árvores, mais belas do que as árvores novas, mais amigas: tanto mais belas quanto mais antigas, vencedoras da idade e das procelas...</p> <p>O homem, a fera, e o inseto, à sombra delas vivem, livres de fomes e de fadigas; e em seus galhos abrigam-se as cantigas e os amores das aves tagarelas.</p> <p>Não choremos, amigo, a mocidade! Envelheçamos rindo! Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem; na glória da alegria e da bondade, agasalhando os pássaros nos ramos, dando sombra e consolo aos que padecem!</p> <p>Olavo Bilac, Velhas Árvores</p>
<p>Reg: min.biblio.org.br – Mestres da Poesia ArtCulturalBrasil</p>		

<p>Ó saudade, campo aberto de tantas reminiscências, quanto mais estou desperto mais choro tantas ausências.</p> <p>Arita Damasceno Pettená, 0712 A Voz da Poesia, Rua dos Bogaris 183, CEP 04047-020 São Paulo, SP</p>	<p>Muito melhor que a saudade é a gente sempre lembrar com muita simplicidade o que a memória buscar.</p> <p>Manoel F. Menendez</p>	<p>A verdade mais sofrida é melhor que a incerteza. Verdade rima com vida; a dúvida, com tristeza.</p> <p>Maria Eliana Palma, 0507 O Pitiguari, Rua Guanabara 542 59014-180 – Natal, RN</p>	<p>Se a vida um limão lhe der, faça doce limonada; goze tudo o que puder, daqui não se leva nada.</p> <p>Olga Amorim, 0710, Fanal Rua Álvares Machado 22, 1º, 01501-030 – São Paulo, SP</p>	<p>Na prova de religião, Quinzinho foi reprovado quando disse que cristão é aquele do Corcovado.</p> <p>Sérgio F. da Silva, 0712 Bali – Letras Itaocarenenses; CP 147, 28570-970 – Itaocara, RJ</p>	<p>Há tanto burro mandando em homens de inteligência, que às vezes fico pensando que a burrice é uma ciência...</p> <p>Synmaco da Costa, 0802 Trovaregre, Caixa Postal 181 37550-000 – Pouso Alegre, MG</p>
---	---	---	---	---	---

<p>No meio das pedras, a água límpida de outono correndo e cachoando...</p> <p>H. Masuda, Goga</p>	<p>Maduro abacate bicado pelos pássaros está a cair...</p> <p>H. Masuda, Goga</p>	<p>Buchas penduradas no beiral do galinheiro sempre balançando...</p> <p>H. Masuda, Goga</p>	<p>Ao leve toque, caíram um atrás de outro, bulbilhos frágeis...</p> <p>H. Masuda, Goga</p>	<p>Calvos e pintados no irreverência do trote – futuros doutores!</p> <p>Suely Moraes</p>	<p>Na terra natal saudosa caminhada – orvalho nos pés...</p> <p>Teruko Oda</p>	<p>Nas mãos enrugadas a mesma emoção de outrora armando arapucas.</p> <p>Teruko Oda</p>
<p>H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996</p>						

## TEMAS DA SAZÃO OUTONO – QUIDAIS DE OUTONO

<p>Árvore-do-viajante... sob a sombra acolhedora peregrino dorme.</p> <p>Anita Thomaz Folmann</p>	<p>Depois do almoço todos na varanda algumas laranjas.</p> <p>Carlos Roque</p>	<p>De galho em galho, fareja o esquilo. Achou a castanha.</p> <p>Cecy Tupinambá Ulhôa</p>	<p>É Dia do Sogro. Óculos sob o nariz, velhinho cochila...</p> <p>Elen de Novais Felix</p>	<p>As nuvens dão trégua. O chão recebe o luar.</p> <p>Manoel F. Menendez</p>	<p>Grande promoção em Pacotes de Viagens – Dia do Turismo.</p> <p>Maria Reginato Labruciano</p>	<p>A terra ciscando, o arranca-milho retira sementes da cova.</p> <p>Roberto Resende Vilela</p>
---	--	---	--	--	---	---

## HAICUS EM FOLHA

<p>É Dia do Circo, crianças maravilhadadas, brincam com palhaços. Q</p> <p>Ailson Cardoso de Oliveira</p>	<p>Milhos na fogueira, mas que cheirinho gostoso, crianças ansiosas. Q</p> <p>Ailson Cardoso de Oliveira</p>	<p>A espiga de milho se debulhando entre os dentes sabor especial. Q</p> <p>Alba Christina</p>	<p>Punhados de milho jogados no galinheiro... Atropelo de ave! A</p> <p>Amália Marie Gerda</p>	<p>Luzes e bandeiras e algazarra incontinentas, no Dia do Circo. Q</p> <p>Amália Marie Gerda</p>	<p>É Dia do Circo. Rostos pintados de branco, narizes vermelhos. G</p> <p>Amauri do Amaral Campos</p>	<p>Balança ao vento os cabelos das espigas. Milho no quintal. Q</p> <p>Amauri do Amaral Campos</p>
<p>Platéia lotada. Pais e filhos gargalhando no Dia do Circo. C</p> <p>Analice Feitoza de Lima</p>	<p>Na vasta extensão meus olhos se enchem de verde. Plantação de milho. C</p> <p>Analice Feitoza de Lima</p>	<p>A mesa está farta: curaus, pamonha, canjica, dádivas do milho. C</p> <p>Angelica Villela Santos</p>	<p>Crianças felizes, com roupagem de domingo. É Dia do Circo. Q</p> <p>Argemira F. Marcondes</p>	<p>Galinha ciscando, lá no fundo do quintal. Procurando milho. Q</p> <p>Argemira F. Marcondes</p>	<p>Apertando ao peito braçada de amor-de-moça, a moça suspira... Q</p> <p>Darly O. Barros</p>	<p>O milho cozido na panela fumegante. Guri bota sal. J</p> <p>Denise Cataldi</p>
<p>Espiga de milho cozida na caçarola. Para o papagaio. H</p> <p>Flávio Ferreira da Silva</p>	<p>Alegando o povo, banda e artistas desfilam. Dia do Circo. Q</p> <p>Flávio Ferreira da Silva</p>	<p>Banda tocando à entrada colorida. Dia do Circo. H</p> <p>Manoel F. Menendez</p>	<p>Floração atraindo borboletas. Amores-de-moça. J</p> <p>Manoel F. Menendez</p>	<p>A menina olhando uma plantinha na estrada. É amor-de-moça. J</p> <p>Mª Marlene N. T. Pinto</p>	<p>Milho madurinho caiu no chão do pomar galinhas bicando. Q</p> <p>Mª Marlene N. T. Pinto</p>	<p>Deitados no muro ao sol e às abelhas amores-de-moça. J</p> <p>Maria Mello</p>
<p>O palhaço canta, paquerando a equilibrista. É Dia do Circo. J</p> <p>Neuza E. Pommer</p>	<p>No Dia do Circo, palhaços e trapezistas nas arquibancadas. B</p> <p>Renata Paccola</p>	<p>No Dia do Circo, os artistas e a platéia cantam parabéns. J</p> <p>Roberto Resende Vilela</p>	<p>Homens e tratores em incansável vaivém. Colheita de milho. J</p> <p>Roberto Resende Vilela</p>	<p>“Criança não paga!” Netos carregam avós: Dia do Circo! Q</p> <p>Shinobo Saiki</p>	<p>Brilho cintilante na valsa da bailarina. No Dia do Circo. C</p> <p>Suely da Silva Mendonça</p>	<p>Brincadeiras e risos. Palhaços no picadeiro. É Dia do Circo. Q</p> <p>Suely da Silva Mendonça</p>

## SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.03.08, quigos à escolha: Cascata Seca, Dia da Marinha, Gripe.  
Remeter até 30.04.08, quigos à escolha: Céu de Inverno, Chuvisco de inverno, Colheita de cana.

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente

numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP

ou  
mfmenendez@superig.com.br

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da *sazão*), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Vamos lá, comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos. *Aguardamos seus trabalhos.*

TREVOS À MODA OCIDENTAL, TREVOS PERSONAGEM E OUTROS

Suco diferente, e o garotinho surpreso: é laranja-lima.	As pinhas partidas, Com os pinhões, formam flores de carnudas pétalas...	A mulher espia gato ouriçar periquito. Gaiola fechada.	Árvore frondosa! Quem viaja no sertão, bendiz sua sombra.	Codorna põe ovos para ter os seus filhotes. O homem não dá chance.	Enxertos, com afã, dão nipo-bras mexericas... – Que enorme poncã!	Muitas vezes ouço, abrindo o dia... alvorada. Dia dos Animais.
Alba Christina	Amália Marie Gerda	Analice Feitoza de Lma	Cecy Tupinambá Ulhóa	Djalda Winter Santos	Fernando L. A. Soares	Fernando Vasconcelos
Piguinhos de orvalho caem da roseira viçosa e o menino bebe...	Comedor de pinha pobre não tem que comer dá dor de barriga.	Todo dois de março é o Dia do Turismo, turista se alegra.	A nuvem de outono, pairando no céu azul. Estação das frutas.	Tantos são os anos vendo o espaço tão igual. Via-láctea me orienta.	Se há canela, há cravo sem travo no arroz doce. Delícia de vida.	No meio das gaiolas, periquito na gaiola alegre o ambiente.
João Batista Serra	Jorge Picanço Siqueira	Maria App. Picanço Goulart	Maria Marlene	Nadyr Leme Ganzert	Nilton Manoel Teixeira	Olga dos Santos Bussade

A MULHER FALADA

Gilson Rangel Rolim, de Dois Momentos – 2.Prosa: Contos & Histórias, 2006 – olgins@bol.com.br

Logo às primeiras horas da manhã, um ajuntamento começou a se formar em frente à casa de Mercedes. Tudo por que Elvira, a moça que trabalhava na casa, encarregada dos trabalhos domésticos e, de vez em quando auxiliar do salão, deu por falta da patroa para o café da manhã; Mercedes, de hábito, acordava cedo. Indo até o quarto dela, Elvira se assustou ao vê-la jogada ao chão, inerte, com um filete de sangue ao lado da boca, dando toda a aparência de estar morta. Apesar da gravidade do quadro, as coisas pareciam estar em seus devidos lugares. O desalinho da cama era compreensível após ter sido usada por uma noite. As vestes da vítima estavam intactas, apenas desarrumadas no corpo. Elvira viu no chão, junto à cabeceira da cama, uma bolinha de papel; desamassou-a e tentou ler o que parecia ser um bilhete. Semi-analfabeta, não entendeu o que estava escrito; pegou o papel amassado e o guardou numa gaveta da cômoda. Ainda vestindo uma camisola surrada, chegou à porta da casa e começou a gritar por socorro. Daí, começou o ajuntamento; os primeiros a chegar foram os vizinhos da casa em frente.

Um ano antes, quando Mercedes alugou aquela casa, a maledicência tomou conta das redondezas, chegando mesmo a se espalhar por toda a localidade de Rio Pequeno, no noroeste fluminense. Muito cismada, aquela gente achava que mulher sozinha só podia ser pra “aquele negócio”. “Por que não procurou a Rua dos Prazeres, lá é que é lugar pra essas zinhas?”. dizia uma; “Se homem entrar naquela casa, chamo o delegado”, dizia outra. As coisas só se acomodaram e as cismas só entraram em recesso quando Mercedes alugou uma pequena loja na rua principal e ali montou o M4, seu salão de beleza. O armistício foi uma decorrência da inauguração do estabelecimento à qual compareceram as autoridades locais, do delegado ao vigário.

Agora com a morte de Mercedes, em condições suspeitas, toda aquela cisma quanto ao passado dela voltava. “Eu sabia, tinha de acontecer, com certeza foi um dos homens dela, só pode ser”, era o que falava a mulher do açougueiro; “Eu ainda não tinha me convencido de que ela não fosse daquelas”, alfinetava a mulher do farmacêutico. Enquanto o ajuntamento aumenta, o delegado chega, vê o corpo, confirma a morte e manda um menino chamar o doutor em casa; era preciso passar um atestado de óbito. Apressadamente, o médico escreve: hemorragia interna de origem desconhecida. Menos de três horas depois, chamado pelo delegado – que não acreditou muito no laudo do médico –, chega o perito de Itaperuna e começa a fazer o levantamento técnico necessário às investigações. Não havia marca de perfuração por arma de fogo; talvez enforcamento. Assassinato ou suicídio?

Maria Mercedes Mendes Moreira, nascida em Itaboraí em 1967; pouco mais de trinta e cinco anos, segundo os dados que constam da cédula de identidade que o delegado tem em mão. É uma bonita mulher, mesmo morta o policial pôde comprovar. De acordo com

informação de Elvira – agora mais calma depois do choque inicial –, a patroa morava em Friburgo antes de vir para Rio Pequeno. Lá também tinha um salão de beleza que se chamava M4; não é difícil adivinhar o motivo para esse nome; vejam as suas iniciais. Após os procedimentos policiais, o delegado autoriza o sepultamento. Ao que soube, ela não tinha parentes e, sendo assim, seria tratada como indigente. Contudo, por um gesto magnânimo da mulher do médico, D. Ester, que era cliente de Mercedes e simpatizava com ela, essa senhora assumiu a responsabilidade pela falecida e providenciou um sepultamento digno.

Foi comovente o enterro. Na tarde fria, ligeiramente molhada por uma chuvinha fina que caiu por toda a tarde, aquela dezena de pessoas adentrava o modesto cemitério conduzindo o caixão da bela Mercedes. Alem de Elvira, D. Ester e o marido, duas vizinhas mais solidárias e umas poucas clientes do salão. Salvo o médico, nenhum outro homem. Quando os sinos da igreja de Sta. Terezinha começaram a contar as seis horas, os que ali foram acompanhando o féretro ultrapassavam de volta o velho portão de ferro do cemitério.

Em Friburgo, o delegado Joffre – homem com grande experiência policial, que estava em contagem regressiva para a aposentadoria, eis o porquê de estar lotado em Rio Pequeno – inicia os levantamentos da vida pregressa da vítima; quem sabe descobrisse alguma pista para a elucidação do caso? Sem qualquer dificuldade, localiza o estabelecimento anterior de Mercedes, no bairro de Olaria, que tem, ainda, o mesmo nome. O atual proprietário, que por coincidência chama-se Manoel Martins, houve por bem conserva-lo; não achou conveniente mudá-lo para M2. Da conversa com Manoel resultou uma informação preciosa: pelo que soube, a antiga proprietária vendeu-lhe o salão para afastar-se de Friburgo, onde sua vida amorosa rendeu-lhe uma bruta decepção. Seu companheiro de alguns anos era, em verdade, um gigolô; além disso, ciumento como era, ameaçava-a constantemente. Restava ao delegado descobrir por onde andava tal figura, onde estivera nos últimos dias, enfim, inquire-lo. Não foi difícil, igualmente, encontrá-lo; um pobre coitado. Se foi mesmo um gigolô, já não era mais. Testemunhas comprovaram que tal indivíduo, de nome Felisberto, praticamente não se afastara do boteco onde morava nos últimos tempos, desde que Mercedes o deixou. Afastada estava, portanto, a suspeição de crime passional; pelo menos por parte do ex-companheiro de Mercedes.

Alguns dias depois veio a confirmação, a moça morrera por asfixia. Não obstante inexistir qualquer sinal do instrumento utilizado – uma corda, uma gravata, uma meia de seda, um travesseiro –, os dados técnicos eram definitivos, foi asfixia. O misterioso caso intrigava todos que, por dever de ofício, tomaram conhecimento do acontecido. Tudo caminhava para o arquivamento, caso insolúvel. Eis que, numa segunda conversa

com Elvira, o delegado Joffre procura aguçá-lhe a memória em busca de algum detalhe que pudesse ter passado despercebido. É quando a empregada fala de um papel que havia encontrado próximo ao corpo da vítima. Não lhe falara desse detalhe no depoimento porque, lendo precariamente, não entendera o que estava escrito. Instada pelo delegado, Elvira vai à casa da ex-patroa, em companhia dele e recolhe da gaveta o tal papel. Indo direto à assinatura no bilhete, o delegado lê; Gilvan. Coincidência, o nome do médico, marido da generosa Ester, o homem que atestou o óbito. Ali estava, escrito a lápis, “Mercedes, mesmo contra sua vontade vou aí hoje à noite. Ester foi para a casa da mãe e só retorna amanhã pela manhã. Um beijo, Gilvan”.

Daí para a solução do caso foi um pulo. O Dr. Gilvan Marques, até então homem muito conceituado na região, confessou tudo. Vinha assediando Mercedes já havia algum tempo mas a moça resistia a suas investidas. Sabendo do que falavam a respeito dela, mentiras gratuitamente espalhadas no lugar por línguas ferinas, não obstante achá-lo atraente, Mercedes gostava de D. Ester e considerava imoral um relacionamento entre eles. Fugiu por meses ao assédio de Gilvan. Tudo isso dito pelo médico, sem rodeios. Na noite que antecedeu o crime, ele, conforme dizia no bilhete, foi à casa de Mercedes. Já passava das onze quando ele deu alguns toques leves na porta; ela ouviu, chegou à janela e pediu-lhe que fosse embora. O médico insistiu e, para evitar que alguém o visse entrar em sua casa, e também para não acordar Elvira, que já se recolhera, permitiu-lhe entrar. O médico, imaginando-se senhor da situação, forçou a abordagem ao que Mercedes refugou. Depois, aceitando as ponderações dela entraram no quarto pois ela queria, a todo custo, evitar um escândalo. Gilvan entendeu mal, forçou mais uma vez e mais uma vez foi rechaçado. Mais calmo, ele tentou convencê-la a aceitar o romance; ele simulou um recuo, mas em seguida abraçou-a e jogou na cama. Tentou beijá-la e ela continuou refugando. Como a resistência dela fosse a cada momento mais forte, ele, em desespero por ver-se rejeitado, colocou o travesseiro sobre o rosto dela e a asfixiou. Os gemidos dela, enquanto resistia, não chegaram a acordar Elvira.

Agora, como querendo redimir-se das maledicências que assacaram contra Mercedes, várias mulheres se postavam à frente da delegacia gritando impropérios para o médico, ameaçando invadir a cadeia. Arrependimento tardio.

Assim se conta a história da vida breve de Mercedes, mulher de vida digna, alvo de maledicência, vitimada em defesa de sua honra e de sua integridade moral, valores tão caros para ela, mas nem tanto para outros nos dias que correm.

DESABA FOS DE UM BOM MARIDO

Luís Fernando Veríssimo – Gentileza de Ivanise Cordovani Marques

Minha esposa e eu temos o segredo pra fazer um casamento durar: duas vezes por semana, vamos a um ótimo restaurante, com uma comida gostosa, uma boa bebida, e um bom companheirismo. Ela vai às terças-feiras, e eu às quintas. Nós também dormimos em camas separadas. A dela é em Fortaleza e a minha em São Paulo. Eu levo minha esposa a todos os lugares, mas ela sempre acha o caminho de volta. Perguntei a ela onde ela gostaria de ir no nosso aniversário de casamento. “Em algum lugar que eu não tenha ido há muito tempo!” ela disse. Então eu sugeri a cozinha. Nós sempre andamos de mãos dadas. Se eu soltar, ela vai às compras. Ela tem um liquidificador elétrico, uma torradeira elétrica, e uma máquina de fazer pão elétrica. Então ela disse: “Nós temos muitos aparelhos, mas não temos lugar pra sentar”. Daí, comprei pra ela uma cadeira elétrica.

Lembrem-se, o casamento é a causa número um para o divórcio. Estatisticamente, 100% dos divórcios começam com o casamento. Eu me casei com a “Sra. Certa”. Só não sabia que o primeiro nome dela era “Sempre”. Já faz 18 meses que não falo com minha esposa. É que não gosto de interrompê-la. Mas tenho que admitir, a nossa última briga foi culpa minha. Ela perguntou: “O que tem na TV?” e eu disse “Poeira”. No começo Deus criou o mundo e descansou. Então, Ele criou o homem e descansou. Depois, criou a mulher. Desde então, nem Deus, nem o homem, nem Mundo tiveram mais descanso. Quando o nosso cortador de grama quebrou, minha mulher ficava sempre me dando a entender que eu deveria consertá-lo. Mas eu sempre acabava tendo outra coisa para cuidar antes: o caminhão,

o carro, a pesca, sempre alguma coisa mais importante para mim. Finalmente ela pensou num jeito esperto de me convencer. Certo dia, ao chegar em casa, encontrei-a sentada na grama alta, ocupada em podá-la com uma tesourinha de costura. Eu olhei em silêncio por um tempo, me emocionei bastante e depois entrei em casa. Em alguns minutos eu voltei com uma escova de dentes e lhe entreguei. “- Quando você terminar de cortar a grama,” eu disse, “você pode também varrer a calçada.” Depois disso não me lembro de mais nada. Os médicos dizem que eu voltarei a andar, mas mancarei pelo resto da vida. “O casamento é uma relação entre duas pessoas na qual uma está sempre certa e a outra é o marido...”

A vizinha tanto apronta, que eu penso, ao vê-la rezar: neste tempo falta conta pra tanta conta acertar!	O canivete, meu bem, – diz ao garoto o vizinho – é teu; vai ver o que tem dentro do teu tamborzinho!	Deixaste a casa vazia, mas há um retrato na sala: e é dessa fotografia que o teu silêncio me fala!	Não sei o que é mais chocante numa explosão entre dois: se são os gritos durante, ou é o silêncio depois...	A frase que te desgosta escuta, calado, e esquece... Só o silêncio é resposta que toda ofensa merece!	O silêncio, às vezes, fala de saudades – quem diria? – quando a rede, a sós, se embala numa varanda vazia.	A vizinha cavalgando, lentamente ou no embalo, deixa a moçada babando com inveja do cavalo...
Arlindo Tadeu Hagen	Dorothy Jansson Moretti	Josafá Sobreira da Silva	José Ouverney	José Tavares de Lima	Miguel Russowsky	Regina Célia de Andrade

VII Concurso entre Assinantes do Trovaregre (Trovaregre 0802) – Trovaregre: Caixa Postal 181, CEP 37550-000 – Pouso Alegre, MG, www.ubtpa.hpg.com.br

Conta uma lenda árabe, que um gênio apareceu e disse: – Você vai morrer. No entanto, pouparei sua vida se fizer uma destas três coisas: matar sua mãe, bater em sua irmã ou beber vinho. O jovem pensou: – Eu, matar minha mãe, aquela que me deu a vida? Jamais! Bater na minha irmã? Nunca! Beberei o vinho. Bebeu o vinho, bateu na irmã e matou a mãe. **O PIOR DOS VÍCIOS**

